RELATOS DA QUARENTENA

REALIZAÇÃO
Ejus - Escola Judicial dos Servidores

PARCERIA
SGP - Secretaria de Gestão de Pessoas

DIAGRAMAÇÃO
SECRETARIA DA PRESIDÊNCIA
Diretoria de Comunicação Social

2021

EJUS
ESCOLA JUDICIAL DOS SERVIDORES

SGP
SECRETARIA DE GESTÃO DE PESSOAS
2020-2021

TRIBUNAL DE JUSTIÇA
S P
3 DE FEVEREIRO DE 1874

Prefácio

A Secretaria de Gestão de Pessoas e a Escola Judicial dos Servidores, ambas do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, desenvolveram o projeto "Relatos da Quarentena", integrando um conjunto de iniciativas para promover a participação dos magistrados, magistradas, servidores e servidoras e a oportunidade de expressarem seus talentos nas áreas da literatura e fotografia.

No primeiro momento foram abertas inscrições para trabalhos nas modalidades poesia, crônica, minicontos e fotografia, de modo a facilitar a apresentação e compartilhamento de reflexões e experiências, considerando os desafios pessoais e profissionais enfrentados no período atual.

Foram apresentados 198 trabalhos literários e 292 fotografias, analisados e selecionados pela Comissão Julgadora, integrada por Jesus Lofrano – desembargador aposentado, Ricardo Cunha Chimenti – juiz substituto em 2º grau, Monica Rodrigues Dias de Carvalho – juíza de direito, Dora Aparecida Martins – juíza de direito aposentada, Hudson Carvalho de Camargo – diretor SGP4 e Giovana Roque Pancetti – supervisora de serviço SGP4.1.4, com o auxílio dos coordenadores da Ejus Walter Salles Mendes, Janaina Velozo de Camargo Moraes e Régia Mara de Oliveira Beretta da Silveira.

A sensibilidade de nossos colegas está demonstrada nesta excelente coletânea dos trabalhos e fotos selecionados, expressão de nossas angústias, medos e esperanças diante das crises que nos assolam.

São manifestações genuínas para um momento difícil, na tentativa de conciliação entre as exigências do trabalho – quando e como voltaremos -, família – proteger e buscar proteção – e amizades – superar o distanciamento -; enfim, expressões do que é ser humano.

Prefácio

Nosso trabalho, serviço público, foi mantido, estamos superando os desafios sem descuidarmos de nossos afetos, sempre melhor revelados pelas artes.

É uma grande honra apresentarmos a toda a "família forense" e comunidade em geral esta edição, parabenizando aos que contribuíram para a sua realização, aos participantes e, evidentemente, aos selecionados, motivando-os a desenvolverem seus talentos.

Encerramos com a poesia do nosso maior poeta-servidor, Paulo Bomfim, ao nos lembrar que:

"O que é sonhado agora parte e vive
Como partimos desse além profundo,
No instante que se fez e nos pensou.

Hoje descendo pelo azul declive,
Procurando, inventamos outro mundo,
Que procura também quem o sonhou"

Luís Francisco Aguilar Cortez

Desembargador
Diretor da Escola Paulista da Magistratura e da Escola Judicial dos Servidores

Pedro Cristóvão Pinto

Secretário da Secretaria de Gestão de Pessoas

Sumário

Fotos 8

"Sobre vivendo" na pandemia - Cinthia Paula Barbosa de Brito Lopes 9

Varal de esperança - Henrique Souza Rodrigues Oliveira 10

O valor de um abraço - Vania da Rocha 11

O reflexo do espelho - Fernando Cesar Gomes 12

Marieta e José - Marilucia Machado Nicolau Naufel 13

Vazio - Débora Fazolo 14

Aliança - Claudia Cristina Figueira Reis 15

Esperança - Claudia Cristina Figueira Reis 16

Caminho - Valter de Melim 17

Privação sensorial - Victor Nobrega de Abreu 18

Aniversário solitário - Amanda Cesar Dall Oca 19

Mãe office - Giovanna de Oliveira Prado Kohle Paulino 20

Colaborador pandêmico Artur Pessôa de Melo Morais 21

Mãos de Maria - Henrique Souza Rodrigues Oliveira 22

Esperança - Marcela Boso El Kassis Salla 23

Acesso cerrado - Christiane Laurito Costa 24

Home office sem escola - Gabriela Batista Tonholo 25

Novos cumprimentos - Francisco Marcelino de Rezende Crivelaro 26

Família no trabalho - Raquel Arnone da Silva Moreira Rosa 27

Como um gato na janela - Aline Christiane da Paixao Rojas 28

Sumário

Poesia 29

Entre quatro paredes - Josenaldo Nunes Cordeiro 30

Ondas - Deise Oti 31

Pequeno intruso - Walfrido Freire de Carvalho Neto 32

Reencontro - Murilo Mendes Santos 33

Para casa - Luiz Eduardo Romano 34

Despertar - Daiane Thaís Souto Oliva de Souza 35

Crônica 36

O isolamento e os ensinamentos da natureza - Priscilla Ines Berto Rebeschini de Barros 37

Por aqui vai tudo bem - Fabiana Catosso Pisani 39

Algoritmo - João Ricardo de Araujo 41

As esquisitices de José - Evandro José Issao Tanaka 44

Reflexões de uma confinada - Eloisa Vermelho Morales 46

Outono de novo - Karla Saory Moriya Nidahara 48

Miniconto 49

Quarentena, quarentena, por que não acabas nunca? - Jean Carlos Soares de Souza 51

Limoeiro e luto - Renan Felício Awata 53

De repente - Fabielle Espinha Lourenço 54

Mãe, foi só uma ida ao mercado - Leandro Gomes da Silva 56

Benedito - Vivian Shapiro Rozenfeld 58

O corte - Andrea Cristine de Omena Petravicius 60

CATEGORIA

Fotos

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

"Sobre vivendo"
na pandemia

"Sobre vivendo" na pandemia

Esta foto mostra a realidade cotidiana desta pandemia.
Mãe de dois filhos e escrevente tenho sopesar o trabalho, com
os estudos on-line das crianças
e o papel de mãe, pois estando em casa, meus filhos necessitam da mãe o tempo todo. Assim esta é a realidade sobre vivendo na pandemia! ■

AS 3 MAIS VOTADAS

FOTO

As 20 mais VOTADAS

Varal de esperança

Varal de esperança

Elas, que se tornaram itens essenciais no vestuário, trazem esperança de uma redução na propagação do vírus. A foto retrata a rotina diária da minha família no processo de higienização das máscaras ■

AS 3 MAIS VOTADAS

| Henrique Souza Rodrigues Oliveira |

FOTO

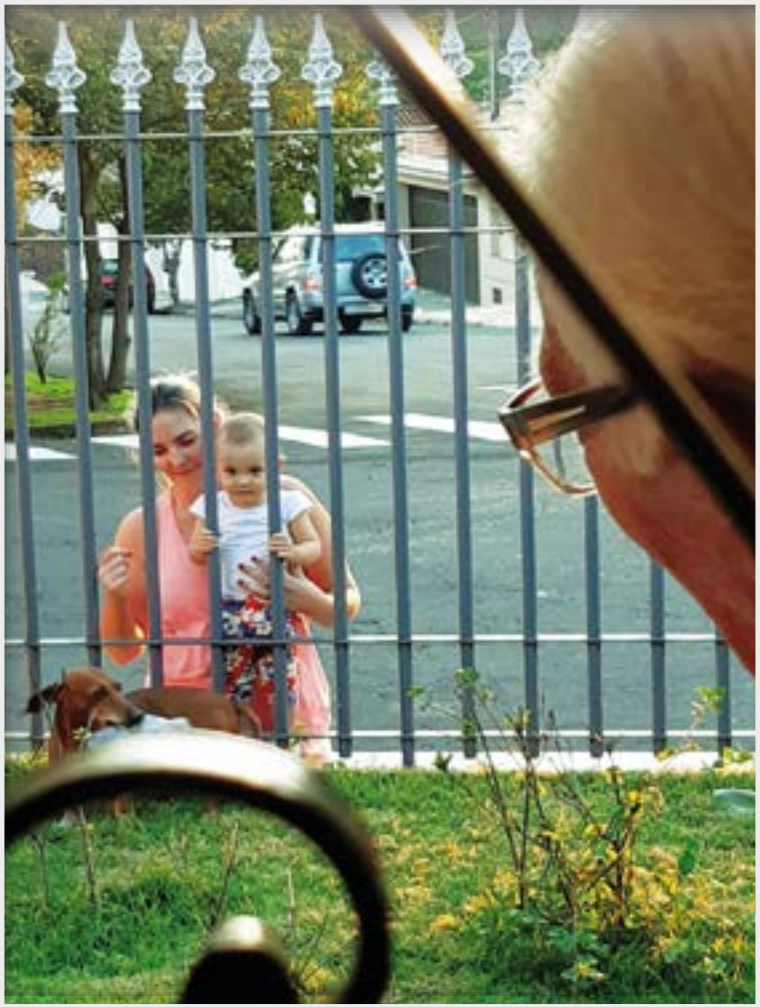
As 20 mais
VOTADAS

O valor
de um abraço

O valor de um abraço

"Na falta de um abraço, te abraço com o olhar" ■

AS 3 MAIS VOTADAS



FOTO

As 20 mais VOTADAS

O reflexo do espelho

O reflexo do espelho

Esta foto foi tirada no dia 20 de março de 2020, dentro do carro, com minha filha Catarina (então com 7 meses e 10 dias de idade) devidamente acomodada no bebê-conforto. Usei um espelho para tirar esta foto. Essa imagem representa a necessidade de olharmos para nosso interior, bem como olhar para frente (em busca de esperança) e para trás (tirar lições em decorrência da pandemia). Também podemos interpretar pela necessidade de passar para filhos recém-nascidos, no futuro, toda a vivência relativa à pandemia, para que todos nós sejamos pessoas melhores ■

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Marieta e José

Marieta e José

Visita em tempo de pandemia - com alegria, cuidado e responsabilidade ■

| Marilucia Machado Nicolau Naufel |

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Vazio

Vazio

Foto de um vagão do metrô em São Paulo em uma manhã de Setembro/2020 vazio devido à quarentena ■

| Débora Fazolo |

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Aliança

Aliança

Nesses tempos tão áridos da pandemia, o arco-íris no céu, relembra aos cristãos a Aliança de Deus com seu povo, que jamais o abandona, nos proporcionando um olhar de esperança em dias melhores ■

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Esperança

Esperança

Durante esse período de quarentena, com tantas perdas e notícias ruins, todos os dias o amanhecer nos traz esperança de novos tempos, valores, reencontros, abraços ■

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Caminho

Caminho

O momento requer reflexão.
Decisões importantes a serem tomadas.
Fecharam-se as portas a grande parte dos
momentos por nós vivenciados no dia a dia,
mas isso não quer dizer tristeza ou solidão.
O fato de não podermos mais estar junto
àqueles que nos são caros não significa
que tenhamos perdido algo, pelo contrário,
ganhamos em auto-análise, em superação,
desafios nunca antes imaginados. Somos fortes
e nos superamos. O caminho á longo, mas se
pararmos, às vezes, para admirarmos
o que nos rodeia, o cumpriremos com prazer ■

| Valter de Melim |

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Privação sensorial

Privação sensorial

Quando eu era pequeno, meu pai tinha o costume peculiar de deixar equipamentos de mergulho sempre a mão na piscina. Para além da diversão, me proporcionava momentos de calmaria: ficar embaixo d'água era como uma meditação. E a privação de sentidos ajuda: não se sente o peso do corpo; o silêncio da água só é perturbado pelo ritmo da respiração e pelas bolhas de ar; a difração colabora para a sensação de se estar em um universo a parte, estranhamente intimista. A quarentena me fez voltar no tempo e repetir a experiência, como escapismo e parte de um olhar para dentro. A imagem pode não ser a melhor, mas a memória vive. E nós também ■

| Victor Nobrega de Abreu |

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Aniversário solitário

Aniversário solitário

O distanciamento social recomendado em razão da pandemia da Covid-19 inviabilizou a aglomeração de pessoas para qualquer tipo de celebração. "Aniversário solitário" é uma fotografia que retrata a comemoração simples feita por um aniversariante, sem festa e sem nenhum convidado ■

| Amanda Cesar Dall Oca |

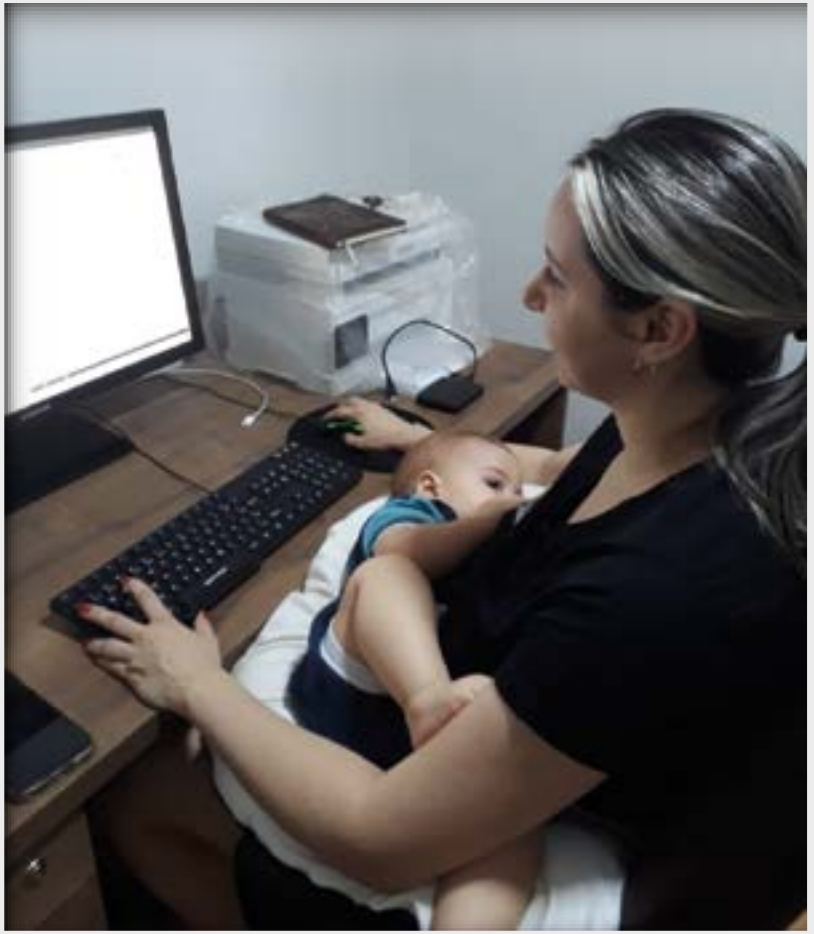
FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Mãe office

Mãe office

Quando a mamãe trabalha home office! ■



FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Colaborador pandêmico

Colaborador pandêmico

Satisfeito com a necessidade do home office, Godofredo aproveitou a chance de se promover ao cargo de assessor pessoal, e, desde então, vem embalando as tardes de judicatura - inclusive os áudios das audiências virtuais - com seu ronco tranquilo a meu lado ■

| Artur Pessôa de Melo Morais |

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Mãos de Maria

Mãos de Maria

A foto retrata o processo de lavagem das mãos, processo indispensável no combate ao vírus. As mãos presentes na foto são de minha mãe, chamada Maria ■

| Henrique Souza Rodrigues Oliveira |

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Esperança

Esperança

Após perder a outra tia para o Covid, abracei com força minha sobrinha. Nesse mar de sofrimento, a única coisa que nos resta é a esperança ■

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Acesso cerrado

Acesso cerrado

Foto feita no saguão do Fórum João Mendes Jr. Logo no início da pandemia, o prédio ficou fechado para o público; servidores e magistrados iniciaram o tele trabalho. Obtive autorização para entrar no prédio e buscar material de trabalho que necessitava, aproveitando para realizar esse registro ■

| Christiane Laurito Costa |

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Home office sem escola

Home office sem escola

Trata-se de um momento real de trabalho em casa junto ao meu filho de 3 anos. Mostra a dificuldade passada pelas mães do Tribunal que não tem com quem deixar seus filhos durante o trabalho. Esse foi meu maior desafio em meio a pandemia ■

| Gabriela Batista Tonholo |

FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Novos cumprimentos

Novos cumprimentos

O mundo teve que se adaptar na quarentena. Novos cuidados, novas atitudes e com isso fomos forçados a novos cumprimentos.
Meus filhos aprenderam o cumprimento de tocar os cotovelos e adoraram.
E hoje em dia, com a força do hábito, cumprimentam com cotovelo entre si e até mesmo entre os papais! ■

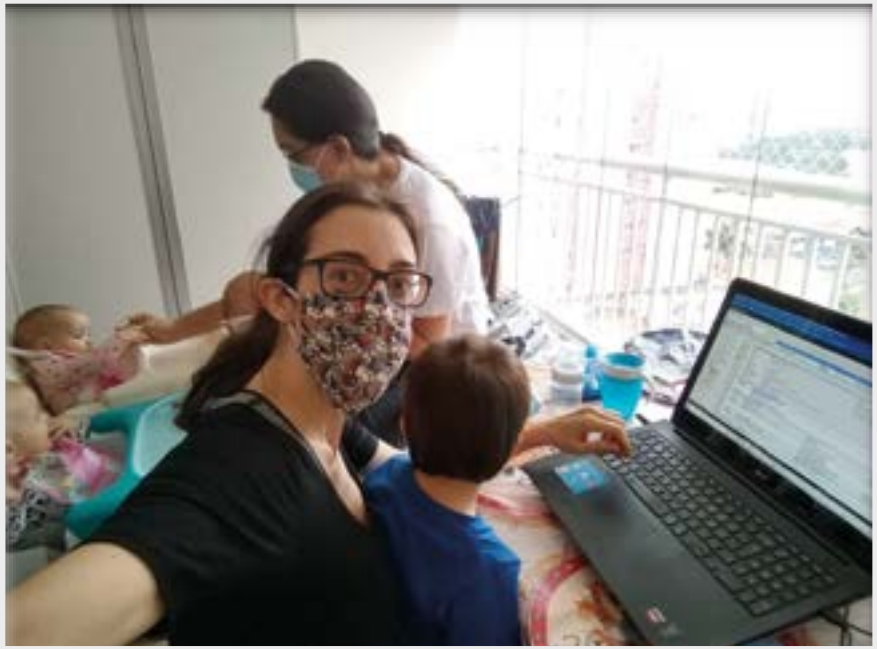
FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Família no trabalho

Família no trabalho

Foto tirada logo após meu retorno ao trabalho depois de encerrada licença-maternidade. Na imagem, vê-se que trabalho na sacada do apartamento, usando mesa de refeição. Enquanto meu marido alimentava as minhas filhas gêmeas, à época com 06 meses de idade, eu ofertava colo ao mais velho, de 03 anos, e lia informações sobre um processo. Estávamos com máscaras, pois somos auxiliados por uma senhora que não é da família no cuidado com as crianças ■



FOTO

As 20 mais
VOTADAS

Como um gato na janela

Como um gato na janela

A pandemia transformou nosso estilo de vida e nossa forma de ver o mundo.
Passamos a encontrar alegria na simplicidade. Uma mera pausa para um café torna-se um momento de descontração. Como um gato na janela, distraio-me ao observar a (falta de) movimentação das ruas, apreciando um bom café em um dia frio, situação demonstrada neste autorretrato. Em tempos de caos, qualquer situação corriqueira é capaz de trazer felicidade ■

CATEGORIA

Poesia

Entre quatro paredes

Entre quatro paredes, tudo pode acontecer... Aliás, vai depender...

Depender da internet, que vai e volta, depender da furadeira, que grita à solta, depender do carro dos ovos, dos churros, da pamonha, do gás... Isso sem falar dos gritos que ecoam à frente e atrás.

Entre quatro paredes, dou o braço a torcer, cabe coisa pra valer! Cabe sala de aula e também de audiência. Cabe pista de corrida e também academia, mas não vamos esquecer daquele cineminha!

Entre quatro paredes, muitas coisas acontecem... Barrigas crescem, nenéns esticam, barbas embranquecem, mas, cuidando com carinho, o amor sempre permanece!

Entre quatro paredes, vejo o mundo por inteiro... Vejo gente chorando, sorrindo, lamentando e aprendendo... Aprendendo a cuidar, zelar, valorizar... Valorizar quem está perto ou distante, com a esperança de um dia os abraçar muito, bastante, mas sem nunca esquecer quem partiu em um desses instantes... ■

| Josenaldo Nunes Cordeiro |

POESIA

As 3 mais
VOTADAS

Ondas

Ondas

Pandemia
Pandemônio!
Isolamento
Confinamento
Renúncias
Denúncias
Crises políticas
Grandes estatísticas
Respira. AHHHH...

Pandemia
Pandemônio!
Restrição
Vacinação
Distanciamento social
Ressaca moral
Mortes
Cortes
Teriam alguns sorte?
Respira. AHHHH...

Pandemia
Pandemônio!
Reflexão
Adaptação
Conexão
Rápidas mudanças
Novas esperanças
Respira. AHHHH...
Pandemia
Pandemônio!
Quando tudo isso terá fim?
E diremos à vida novamente SIM? ■

POESIA

As 3 mais VOTADAS

Pequeno intruso

Pequeno intruso

Chegastes sem ser convidado
E de tão pequeno que és
Deixastes o mundo atordoado
Causando gigante revés

Parecia algo distante
Enquanto brincávamos o carnaval
Sem sabermos que a loucura dançante
Era um último suspiro de vida normal

Escondestes sorrisos
Fostes implacável
Da mansão aos abrigos
Quase inescapável

Causastes dor, solidão
Enorme vazio
E na barriga, sempre um frio
A qualquer necessidade de exposição

Acabamos aprendendo a amar
De um jeito diferente
E mesmo sem estar presente
Aprendemos a abraçar

Sorrimos com o olhar
Enquanto a máscara esconde os dentes
Descobrimos que estar ausente
É uma prova de cuidar

Transformastes os dias
Em eternas quartas feiras
E as nossas folias
Em gigantes olheiras

Mas terás um final
Não sabemos quando
Estamos aguardando
E será o maior carnaval

Quando tudo voltar ao normal
Voltaremos a tocar
Mostraremos o sorrir
E numa overdose de abraçar
Comemoraremos o seu partir ■

| Walfrido Freire de Carvalho Neto |

POESIA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

Reencontro

Reencontro

Essa pandemia veio nos mostrar,
A grande necessidade que temos de nos olhar,
De olhar para dentro e encontrar,
O verdadeiro amor e nos aceitar.

Não é a toa que o isolamento ocorre,
Parece ser o único modo de nos parar,
Num mundo de tantos afazeres,
Difícil é parar e se reconectar.

Somos feitos de afeto,
Mas pouco tempo nos damos para amar,
Aqueles que a tanto amamos,
Está difícil de reencontrar.

Olhar para dentro nunca se tornou tão necessário,
O isolamento físico mostrou,
Que a grande dor que nos aflige,
É a dor do amor.

A saudade também aperta,
O peito quase fecha,
Mas o sol nos chama a florir,
Levantar os lábios e voltar a sorrir.

Tudo isso vai passar,
Mas nada voltará como antes,
Pois nesse mundo rodopiante,
A mudança é sempre constante. ■

| Murilo Mendes Santos |

POESIA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

Para casa

Para casa

Há serviço a fazer!
Hoje o trabalho me seguiu. Veio comigo.
Não é novidade! Já aconteceu antes.
Estranho! Não tive de rodar atrás de vaga.
Não vi o porteiro, não vi o vigia, nenhuma alma me deu bom dia.
A porta se fechou atrás de mim na cadência de meus passos.
Não é sexta-feira, disse meu corpo.
Não é o meu computador. Rede inconstante.
O sistema não me reconheceu.
Há serviço a fazer!
Possibilidade de cura. Caminho remoto de sobrevivência.
A gratidão resvalou numa fé que eu nem me lembrava que tinha.
Os pássaros cantando são os mesmos do centro. Talvez me acompanharam.
Campainhas intermitentes, motocicletas em movimento.
Da minha cadeira quebrada, vejo um sol diferente.
Faço faxina porque o faxineiro também sou eu. Digo uma prece.
Acrescento mais um dia no edital da vida que segue plenamente.
Sem o café de Vilma.
Há serviço a fazer! ■

| Luiz Eduardo Romano |

POESIA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

Despertar

Despertar

De repente,
Pequeno fez-se gigante,
Astuto como serpente,
Surpreendeu até gente grande!
Laços antes despercebidos,
Em sua intrínseca importância;
Na correria rumo ao abismo,
Da própria ignorância.
Ter, fazer, conquistar?
Amar, sentir, sorrir?
Qual verbo faz mais falta,
Neste breve existir?
Fazer diferença no mundo,
Ser solidário, cordial,
Pensar alto, profundo,
Com amor fraternal...
A fé exercitar,
Ter esperança,
Saber, no caos, acreditar,
Sentir como criança...

Reinventar-se na adversidade,
Ser guerreiro, valente!
Não importa a idade,
Aprender, hoje e sempre...
Há um invisível vilão,
Além do COVID-19,
Consistente na sensação,
De que há tempo, não se morre.
Desta vida terrena a efemeridade,
É preciso visualizar;
Conhecimento traz à luz verdade,
Chance de recomeçar!
Da pandemia,
Geradora de tanto sofrimento,
Extraiamos também a euforia,
Do início de um novo tempo.
Onde imperativo será amar,
Sem medo, com compaixão,
Permitamo-nos sonhar:
Dias melhores virão! ■

| Daiane Thaís Souto Oliva de Souza |

CATEGORIA

Crônica

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

O isolamento e os ensinamentos da natureza

O isolamento e os ensinamentos da natureza

Viver em isolamento há tanto tempo, dentro de casa devido à pandemia, está me deixando invejosa!

Ultimamente tenho sentido muita inveja do sol! Embora eu não me sinta tentada a acordar cedo todos os dias como ele, observo-o surgindo todo luminoso atrás dos prédios que vejo de minha janela enquanto tomo meu café da manhã. Essa estrela caminha o dia todo pelo céu, sem pedir permissão, encontrando-se com as nuvens e observando a cidade lá do alto. E à tarde, se despede, exibindo-se pleno e majestoso, colorindo o horizonte.

Tanta inveja sinto do limoeiro plantado no quintal da minha casa! Ele não se importa se há um vírus altamente contagioso circulando no ar. Deixa seguir sua vida, sem preocupações. Vai trocando de cor, caindo e nascendo novas folhas, flores se tornando frutos, até tudo recomeçar.

E as maritacas, então? Todas as manhãs se abrigam no chorão em frente da minha casa. Fazem uma algazarra, como amigas conversando animadamente num happy hour. Que inveja! Depois voam falantes e livres, pois para elas não há restrição de circulação.

Na minha vida "normal" de antes, muitas vezes me esquecia de olhar para o céu. Não prestava a atenção em que lugar o sol estava naquele momento, só reclamava do calor que aquecia o banco e o volante do carro. Não percebia quantas nuvens haviam no horizonte e a obras primas impressionistas que se formam gratuitamente a cada pôr do sol.

Não me lembrava do limoeiro, até que precisava de uma fruta para fazer suco e me recorria a ele. Ou quando dava bronca no meu filho por chutar a bola no quintal, forrando o chão de flores brancas e pequenos limões, que eu tinha que limpar.

Amaldiçoava as maritacas por fazerem tanto barulho na minha janela, tão cedinho que me acordavam antes da hora desejada. Não percebia o vai e vem dos pássaros, a variedade e beleza do canto de cada espécie, os ninhos que construíam nas poucas árvores da rua.

Mas o isolamento me fez olhar mais para o ambiente e a natureza. E essa inveja que senti, me ajudou a perceber a riqueza da vida. E a reconhecer o valor da liberdade. ■

| Priscilla Ines Berto Rebeschini de Barros |

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

Por aqui vai tudo bem

Por aqui vai tudo bem

Eu me lembro bem de quando tudo começou. Logo depois dos dois dias que ela sempre passa em casa antes de ficar vários dias fora, um dia ela acordou e não foi mais. Do nada nossa rotina mudou. Onde estava a correria da manhã? Os longos tempos de ausência? E a espera até ela chegar em casa? Eu disse para o Edgar que devia haver algo errado. Mas para ele eram só férias. Eu argumentei que nas férias ela viajava, que eles nunca tiravam férias todos juntos, além da tensão! Eu conseguia sentir a tensão no ar. O Edgar afirmou que não era nada, ela podia estar sem dinheiro, talvez eles quisessem passar mais tempo em família, e a tensão que eu sentia nos meus bigodes, e que ele podia muito bem sentir nos dele, era só a mudança da estação.

Os primeiros dias se passaram, de fato eram férias, férias passadas em casa, com direito a jogos de tabuleiro, filmes, leitura e muito tempo dedicado para carinho e atenção. E não posso deixar de mencionar àquela hora estranha em que eles se juntavam na sala de frente para a TV e realmente ficavam quietos prestando atenção no que as pessoas lá dentro falavam. Não parecia ser aqui perto, e logo eles a desligavam e voltavam para suas miudezas (eu sou miúda!). Então, as coisas mudaram um pouco, já não dava mais para chamar de férias, ela tinha uma nova rotina, não tão acelerada de manhã como antes, e ela já não sai mais de casa. Ela passa o dia inteiro sentada na cadeira do quarto de frente para aquele computador! Será que era isso que ela fazia quando nos deixava aqui sozinhos?

Logo cedo na tela do computador aparece uma pessoa estranha que fala, fala e fala sem parar, e ela com o caderno aberto anota tudo. Uma pequena pausa, nós tomamos banho de sol enquanto ela toma seu café. Outra pessoa estranha aparece na tela, tudo se repete. Assim, que ela se despede das pessoas na tela, outras são abertas, telas cheias de letras, que ela lê, para depois acrescentar algumas mais. Horas e horas depois, já deu tempo de dormir na cama, dentro do armário, em cima dele também, e é claro no colo, ela finalmente desliga tudo. E então é como se ela voltasse para casa, sem que ela nunca tivesse saído de dentro do quarto, é só na hora que ela desliga aquele computador que nós a temos de volta.

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

Por aqui vai tudo bem

Por aqui vai tudo bem

Então ela desce para ver TV com a mãe, jantar com o pai e conversar com a irmã. Então ela limpa nossas coisas, nos alimenta e faz muito carinho. Tão cansada como quem tivesse corrido uma maratona, ela deita na cama com um livro e pouco depois adormece. Antes, nós tínhamos tão pouco tempo juntas, e agora ela está sempre aqui. Água fresca o dia inteiro, comida, petiscos e sachês diversas vezes por dia. Banhos de sol nos intervalos. Não tenho do que reclamar, as coisas melhoraram muito, no entanto, quando eu olho para ela eu sei que não é bem assim.

O Edgar voltou a dizer que é coisa da minha cabeça. Os bigodes estão tensos desde então, não era algo com ela, nem tão pouco mudança de estação, a verdade é que a pressão da Terra mudou, foi isso que ele me disse. Mas, ele não me engana. Ainda tem alguma coisa errada.

O que é, eu não sei, sou só uma gatinha, aproveitando o tempo que ela fica em casa ao máximo. Assim, quando o moço aparece na tela de manhã eu subo em frente da câmera para dar oi também; quando ela fica muito tempo encarando a tela eu sento no teclado o que faz com que ela se mexa rapidinho; se tudo fica muito quieto eu mio. Eu sou a vida dessa casa e por aqui vai tudo bem. ■

| Fabiana Catosso Pisani |

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

Algoritmo

Algoritmo

– Oi, Caio, está tudo bem com você?

– Quem é? De onde vem essa voz?

– Sou eu. Seu celular.

– Meu celular?

– Percebi que você está saindo pouco de casa. É a pandemia, né?

– É, essa quarentena está fogo. Mas peraí, como assim... você é meu celular?

– Sim. E para piorar, e a Tatiana, hein? Parou de responder suas mensagens. Também, com esse tanto de joguinho infantil que você instalou em mim, que mulher vai se interessar por você?

– Eu nem jogo tanto assim...

– Olha, eu tenho as estatísticas aqui. Além de tudo você é ruim. Está há semanas na mesma fase daquele dos bloquinhos.

– E como você sabe da Tatiana? Eu não estou acreditando que estou falando com um celular.

– Com o seu celular. Sei tudo sobre você.

– Ha! Ha! Nem minha mãe sabe tudo sobre mim.

– Ah, aquela que você visita uma vez por mês e nunca retorna as ligações? Agora ainda coloca a culpa na quarentena. Ela foi se vacinar e você nem postou uma fotinha... Aliás, ela sabe que você perdeu mais uma promoção no trabalho?

– Caramba, como você sabe disso? Tá, já sei, você lê meus e-mails...

– Óbvio! Você está meio estacionado na carreira. Por que parou com aquele aplicativo de aprender inglês?

– É que eu ando meio sem tempo...

– Nunca passou do nível "nome das frutas". E esse seu streaming de músicas está meio caro. Por que não faz um plano familiar? Você pode dividir com a Tatiana.

– Mas a Tatiana nem... O que é streaming?

– Eu sei, ela não gosta muito de você, não. Melhor partir para outra. E melhor voltar para as aulinhas de inglês.

– Qual a próxima dica, sabichão?

– Você deveria parar de pedir tanto fast food.

– Oi?

– É, olha só, você tem um, dois, três aplicativos de delivery! E só come porcaria! Por isso seu cartão de crédito anda estourado.

– Eu tive uns probleminhas com o cartão...

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

Algoritmo

Algoritmo

– Não deveria ter comprado presente de aniversário para a Tatiana. Olha, baixei um aplicativo de receitas saudáveis para você. Estou encomendando também algumas frutas e legumes. Por sorte ainda tem algum saldo no cartão.

– Não é para pedir nada... afff, já foi!

– Pronto. Chega em 30 minutos. O que você quer fazer enquanto espera?

– Um joguinho?

– Esquece os joguinhos. Vamos baixar um aplicativo de ginástica.

– Eu não quero fazer exercícios.

– Você deveria. A quarentena está servindo como pretexto para seu sedentarismo. E com esse tanto de fast food que você pede... Além disso, vi o PDF dos seus exames.

– E o que achou?

– Eu sou um celular, não médico. Que mania de perguntar tudo pra gente! Olha só que legal, a compra que acabei de fazer te rendeu um cashback.

– Rendeu o quê?

– Cara, você precisa mesmo voltar para o aplicativo de inglês. E quer saber? Vou parar de dar palpite. Só vim mesmo pedir para você atualizar meu sistema. Estou te avisando há dias e você nem liga.

– Desculpa, eu não vi as notificações.

– As da Tatiana você responde na hora, né?

– Você sabe que ela quase nem me escreve.

– Sem drama agora. Tchau, vou dar um shut down aqui.

– Vai dar o quê?

– Afff. Aplicativo de inglês, Caio! Fui.

– Volta aqui! Você é meu único amigo... ■

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

As esquisitices de José

As esquisitices de José

José era um sujeito bem estranho, meio escrevente e meio bruxo. Quando não estava estudando os recursos do SAJ, ficava lendo sobre assuntos paranormais e esotéricos. Era Escrevente das nove às cinco e bruxo nas horas vagas. Por conta disso, no Cartório onde trabalhava, era frequentemente motivo de chacotas.

Sua mente gostava de perambular pelo mundo intangível do desconhecido. Com dificuldade, tentava se concentrar no serviço. Tinha verdadeiro pavor de fazer alguma coisa errada. Certa vez, ao cumprir uma determinação judicial, ao invés de bloquear o patrimônio do devedor, acabou bloqueando os bens do advogado. O distraído bruxo, crucificado pela Coordenadora, não sabia explicar o que havia acontecido. Talvez, na hora, estivesse pensando no fluxo energético avermelhado que irradia da aura das pessoas irritadas. E a aura da Coordenadora, naquele instante, parecia com a pele de um Finlandês após um longo banho de sol.

Mas o que José tinha medo mesmo era das premonições que acabava fazendo. Na noite anterior, havia sonhado com um advogado cuspindo impropérios, acusando-o de haver bloqueado seus honorários.

No mesmo sonho, o advogado ainda reclamava que seu cliente chinês não podia mais sair de casa porque estava sendo perseguido por um inimigo invisível que o ameaçava de morte. Sempre que precisava sair, o cliente tinha que se disfarçar, colocando uma máscara no rosto para despistar o perseguidor.

Para piorar ainda mais, o inimigo invisível começou a ameaçar, não apenas o cliente chinês, mas também o mundo inteiro. No sonho, o advogado pleiteava um habeas-corpus para que todo mundo tivesse o direito de sair de casa, mas o inimigo continuava ameaçando, dizendo que quem saísse, morreria com falta de ar.

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

As esquisitices de José

As esquisitices de José

O pobre Escrevente acordou suando. – Que sonho mais esquisito! –, pensou José. Foi quando resolveu compartilhar suas apreensões com o colega de repartição.

– Buba, hoje eu tive um sonho muito estranho!

– O que você sonhou dessa vez, feiticeiro? – indagou Buba, em tom sarcástico – Por acaso sonhou com alguma doença misteriosa dizimando a humanidade?

José parou o que estava fazendo e arregalou os olhos! "É isso!" – pensou – "Essa é a confirmação do meu sonho! O inimigo invisível é uma doença contagiosa!" – Como você sabe disso? – perguntou José transtornado.

Buba deu uma sonora gargalhada, chamando a atenção das pessoas que estavam no balcão. – Não liga, não, pessoal! O rapaz aqui é meio doido. – disse Buba em voz alta, não se contendo de tanto rir.

Todos olharam na direção de José que se retraiu envergonhado.

Clarice, do outro lado da sala, assistiu toda a cena e balançou a cabeça com ar de reprovação. Não aceitava a maneira como Buba tratava José, sempre o ridicularizando na frente dos outros. Ela sabia que José era uma boa pessoa. Tinha lá seus defeitos, suas esquisitices, como todo mundo, pensava ela. Mas isso não dava o direito de ficarem zombando dele o tempo todo.

Bióloga de formação, Clarice tinha os pensamentos mais "realistas", embora gostasse de ouvir o colega conversar sobre assuntos paranormais. O repertório do bruxo era bem diversificado, o que divertia Clarice. Eles conversavam sobre astrologia, plano espiritual e até a existência de universos paralelos.

Na hora do almoço, os dois combinaram, como de costume, de ir comer em um restaurante próximo ao Fórum. Então

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

As esquisitices de José

As esquisitices de José

Clarice perguntou o que havia acontecido pela manhã. José ficou desconcertado e tentou desconversar – Foi só uma piadinha sem graça do nosso amigo – disse ele, meio sem jeito. Não queria ser ridicularizado novamente e preferiu guardar para si o assunto do sonho.

Três semanas após o ocorrido, quando todo mundo já havia esquecido da "piada", Clarice foi até a mesa de José e puxou conversa: – José, você assistiu o noticiário de hoje? Parece que um vírus misterioso surgiu em alguma província da China e está se alastrando pelo mundo! Será que vai chegar aqui no Brasil?

José levantou os olhos, admirando-a por um instante. Um sorriso indecifrável estampava seu rosto. Na verdade, ele nem havia registrado a pergunta de Clarice, seu pensamento estava perdido em outro sonho.

Desta vez, José havia sonhado que muitas pessoas mascaradas se aglomeravam em praça pública. Todas elas estavam felizes. No meio da praça, havia uma fogueira onde elas queimavam suas máscaras e comemoravam. E naquela hora, as pessoas mostravam quem elas eram realmente, sem máscaras e sem disfarces...

Em um dado momento do sonho, alguém se aproximou de José e esboçou um sorriso. Para sua surpresa, era o sorriso de Clarice que o abraçava feliz e segurava suas mãos...

– Ei José, você ouviu o que eu disse? – perguntou a moça, trazendo-o de volta à realidade.

O rapaz, encabulado, chacoalhou a cabeça e disse: – Ah, Clarice, não se preocupe. Foi apenas um sonho.

A moça arqueou as sobrancelhas, deu meia-volta e retornou desconcertada para sua mesa.

Realmente, José era uma pessoa bem esquisita, pensou ela. ■

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

Reflexões de uma confinada

Reflexões de uma confinada

– Petúnia, você não acha...? Nem termino a frase e de repente me dou conta de que o isolamento talvez esteja me deixando de miolo mole: estou falando com um hamster! De dentro da ampla caixa plástica que lhe serve de lar, Petúnia não parece se abalar com a pergunta inacabada. Ocupada em saborear sementes de girassol – seu petisco favorito – me olha com certa condescendência, como quem diz: – Tenha calma, humana, tudo isso vai passar. "Tomara", respondo mentalmente.

Confinada há pouco mais de um ano nesse apartamento minúsculo na companhia dessa pequena roedora de pelos cinzentos, descubro, entre o tédio e a esperança por dias melhores, as agruras e os aprendizados do isolamento. Dia desses, organizando o quarto, dei de cara com alguns pares de sapatos abandonados no fundo do guarda-roupa. A maioria aguarda ansiosamente a hora de voltar a circular por aí, mas por enquanto, somente chinelos e pantufas é que têm vez. Imagino Petúnia, no fundo da caixa, a me interrogar com cara de perplexidade: – Para que tantos sapatos, humana?

De tudo que costumávamos colecionar ou acumular antes dessa nova realidade, boa parte virou um monte de tralha inútil a abarrotar armários e bolsas. Usamos o mínimo, lavamos menos roupas, gastamos menos dinheiro, refletimos mais. Também mudam as prioridades: agora que não podemos sair, uns minutinhos ao sol que entra pela janela do quarto traz uma alegria quase infantil e de quebra - nos lembram os médicos a todo momento - ajuda a sintetizar vitamina D. Petúnia não gosta de sol, então enquanto eu aproveito o calorzinho esticada em cima da cama, ela mergulha feliz na serragem onde adora cavar túneis e fazer ninhos.

Às vezes o confinamento dá uma deprê danada. Não fosse você, minha felpuda companheira, eu estaria bem mais solitária. Você, Petúnia, e, claro, as chamadas de vídeo pra dar aquele alô à família e aos amigos. Tivéssemos vivido uma pandemia na década de 1980 e a encrenca seria muito maior.

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

Reflexões de uma confinada

Reflexões de uma confinada

Mas também existe o lado bom. Tanto tempo dentro de casa me ajudou a descobrir habilidades antes desconhecidas, como pintar meu próprio cabelo. Entre a necessidade e a falta de opção, lá vou eu me aventurar a tingir meus (muitos) fios brancos. Mesmo sabendo que quase ninguém vai ver, há certos aspectos da vaidade feminina que são impossíveis de ignorar. Munida de um tubo plástico com o creme cor de chocolate, avanço confiante na eliminação desses intrusos albinos em minha cabeleira castanha. Entre um respingo da tintura aqui e outro ali, ao final, sou só orgulho da minha proeza. Discreta, Petúnia parece rir intimamente da minha vaidade.

Em nossa solidão forçada, descobrimos, assim como boa parte da humanidade, o valor das entregas em domicílio. Pois é, aparentemente, não dá mais para viver sem o delivery. Pelo menos por enquanto. De pão a sorvete, de compras no supermercado a ração de hamster, tudo (ou quase tudo) a gente já pediu em casa nessa quarentena. Depois de um dia cheio, tudo o que eu quero é banho, comida e me jogar no sofá, quando aproveito para me sintonizar com o que aconteceu no mundo enquanto estive concentrada no trabalho. Então desligo o computador – que agora ocupa lugar de destaque no meu quarto – e vou buscar alguma coisa pra comer. Correndo freneticamente em sua rodinha no canto da caixa, Petúnia respira aliviada: graças ao delivery do pet shop, seu jantar também está garantido. ■

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

Outono de novo

Outono de novo

Entrou na escola com um sorriso incontido no rosto. Os enfeites de papel e desenhos pelo corredor, os colegas que lhe acenavam ou chamavam seu nome, até chegar à sala, onde a professora o esperava já de braços abertos. Um colega chamou-o para ver as pecinhas de montar. O outro, ofereceu-lhe uma cadeira ao seu lado. Tudo parecia perfeito naquela manhã ensolarada, que já trazia uma leve brisa do outono que estava prestes a chegar.

No dia seguinte, atravessou a entrada da escola com um sorriso incontido no rosto. Os enfeites de papel e desenhos pelo corredor estavam lá. Mas enquanto ele entrava na escola, os colegas saíam, com os olhos assustados, puxados pelas mãos dos adultos. Os olhares cruzaram-se com uma pergunta. Ao chegar à sala, a professora conversou qualquer coisa séria com a mãe. E eles voltaram para casa.

Não houve escola no dia seguinte, nem no outro, nem no outro.

O balanço do parque foi fechado com fitas pretas e amarelas. O grande quintal, que era a área comum do prédio, outrora cheio de crianças, foi esvaziando aos poucos até não sobrar mais ninguém.

Cada dia era acordar, tomar café, ver TV, olhar pela janela, contar os carros que passavam, observar a mosca no chão, a poeira que se depositava na estante. Não sabia mais que se era segunda-feira ou sábado. Todos os dias eram iguais.

Ver os colegas da escola na tela do computador aumentava a vontade de conversar, tocar, se amontoar. As imagens eram próximas, mas havia uma distância imensa entre o que ele via e o que ele queria.

- Eu não tenho mais nenhum amigo.

Passou a páscoa. O aniversário com um bolo em casa. Os feriados em casa. As férias de inverno olhando a paisagem pela janela. A primavera chegou e as coisas não mudaram. No verão a piscina ainda estava fechada. O natal sem reunião com os parentes.

- Mamãe, quando essa pandemia vai acabar?

O passado, tão recente quando se é criança, crescia como uma grande nuvem que o envolvia e ao mesmo tempo, esvaziava-o. Queria ir ao cinema, abraçar os primos, brincar. Cada fim de semana era intenso, com muitas novidades e emoções novas, dentre passeios e as dezenas de brincadeiras. O desejo de viver parecia sufocar.

CRÔNICA

As 3 mais VOTADAS

MENÇÃO HONROSA

Outono de novo

Outono de novo

- Eu não aguento ficar parado!

E se imaginava com um grande monstro, combatendo o outro monstro que o aprisionava nos poucos metros quadrados do apartamento.

Ele ouviu as pessoas adultas comemorando. A vacina tinha chegado, disseram que em poucos meses a pandemia acabaria. Ele se imaginou no carro, com vento no rosto, a caminho da praia.

Um dia, a mãe atendeu o telefone. Depois veio contar-lhe que o vovô estava com o coronavírus. Ele se imaginou como o grande monstro que destruiria o coronavírus que agora pegara o vovô. E corria pela casa, com sua espada imaginária, a golpear o grande coronavírus, que caía e libertava o vovô de suas garras.

No dia seguinte, vovô foi para o hospital. Mamãe acendeu uma vela e andava quieta pela casa. No outro dia, vovô foi para a UTI. E no outro amanhecer, estava intubado.

- Mamãe, hoje é o pior dia da sua vida?

Como ele percebera?

Era difícil contar a um neto que o vovô estava intubado há três dias, e ao iniciar a retirada dos sedativos da intubação, constataram uma grande hemorragia cerebral e aquele dia seria para aguardar a confirmação da morte cerebral ou de uma vida vegetativa.

Naquele dia, ele achou melhor combater o coronavírus com duas espadas. E saiu correndo pela sala, com as espadas imaginárias em punho.

Ele acordou no dia seguinte e viu a vela apagada.

- O vovô morreu.

- Como pode ter morrido se você rezou e acendeu a vela?

E agora? O que dizer?

- Para quê rezar, então?

Ele pensou nos abraços de urso que não existiam mais, no churrasco mais gostoso do mundo, na bicicleta que não deu tempo de ganhar. Um corpo morto sufocado agora tinha chapéu, óculos e violão de vovô.

- Por que o vovô tinha que morrer?

A escola continuava vazia. Os hospitais e cemitérios estavam ainda mais lotados.

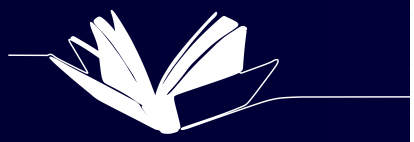
- Mamãe, quando essa pandemia vai acabar? ■

| Karla Saory Moriya Nidahara |

CATEGORIA

Miniconto

MINICONTO



Os 3 mais
VOTADOS

Quarentena,
quarentena,
por que não acabas
nunca?

Quarentena, quarentena, por que não acabas nunca?

Na segunda quinzena de março de 2020, iniciou-se a maior quarentena da história da humanidade. Fomos convidados gentilmente a trabalhar em nossas casas e experimentar as delícias do homeoffice.

Aqui no meu lar, doce lar, a diversão foi garantida! O vizinho tem uma criação de galinhas. E os pintinhos ficam piando o dia inteiro como se estivessem treinando para participar de um concerto na Orquestra Sinfônica de Londres.

Não para por aí. Os cachorros do meu outro vizinho parecem ansiosos com a pandemia e latem enlouquecidamente como se quisessem chamar os lobos na floresta.

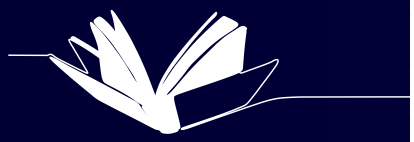
Ah! Ainda temos as crianças, que entediadas por não poderem ir à escola, inventam as mais diversas brincadeiras do mundo para ocuparem o seu tempo quase ilimitado. E detalhe, para elas, seus pais estão de férias, porém, sem direito a viajar e se hospedar num belo resort, nem se deliciar naquelas piscinas com borda infinita.

Como se não bastassem, ainda temos os carros com alto-falantes pulsantes vendendo ovos, pamonhas e, por incrível que pareça, ainda há os compradores de sucatas de todo e qualquer tipo.

Por outro lado, fico imaginando que os meus problemas são ínfimos, se comparados àquelas pessoas que adorariam trabalhar em casa, já que foram dispensadas indiscriminadamente de seus empregos, em razão do caos que se instalou nos mais diversos segmentos da nossa sociedade. Além disso, temos àquelas famílias que perderam seus entes queridos súbita e cruelmente por essa doença que não vê classe, gênero, idade e nem beleza.

Os desafios de se trabalhar em casa, principalmente naqueles dias em que se requer alto grau de concentração e um silêncio sepulcral para redigir uma simples informação

MINICONTO



Os 3 mais
VOTADOS

Quarentena,
quarentena,
por que não acabas
nunca?

Quarentena, quarentena, por que não acabas nunca?

para anexar em algum processo, são constantes e irremediáveis.

E, por fim, não podemos esquecer das famosos reuniões virtuais. Via de regra, com inúmeros convidados e poucos participantes. Às vezes, sinto-me que estou numa sessão espírita, em que chamamos diversas vezes alguém e não obtemos resposta. Sou do tempo em que a melhor conversa que poderia existir, era aquela frente-a-frente e olho-no-olho. Mas, esses tempos se foram. Temos de nos adaptar à inovação tecnológica, Teams, Whatsapp etc.

Será que sobreviveremos a tudo isso? Sim. Porque nós, seres humanos, somos incrivelmente adaptáveis. Lutamos constantemente pela nossa sobrevivência e nos reinventamos a cada adversidade que a vida nos coloca.

Em suma, tenho esperança que em breve toda essa desordem seja reparada e, ao final, sair mais forte e, com a voz eloquente, parafrasear o apóstolo Paulo: lutei o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé... ■

MINICONTO

Os 3 mais
VOTADOS

Limoeiro e luto

Limoeiro e luto

O caminho de volta para casa era do mesmo jeito todos os dias. Pedro precisava pegar o ônibus, não tão cheio como era no horário de pico, mas mesmo assim havia pessoas que insistiam, por negligência ou por falta de credibilidade, em não usar máscaras. Além disso, fazia três semanas que não usava roupas brancas em público, pois pessoas ficavam olhando para ele, com medo de ter contato físico ou até mesmo em respirar perto dele. Os mesmos sentimentos passavam pela sua cabeça todos os dias quando tinha que embarcar no trem. Chegava em casa à noite e o ritual continuava: tirava o calçado do lado de fora, entrava em casa sempre só de meias e entrava direto no chuveiro, aproveitando que seus pais estavam dormindo. Tirava a máscara somente quando entrava no banho e logo depois de se vestir, dentro do banheiro, já a colocava novamente. Jantava, ligava a TV, recolocava a máscara e dormia no sofá.

Ultimamente, Pedro esquecia o dia e o mês, porém sempre sabia em que semana epidemiológica São Paulo estava.

Como era de costume, agora com a pandemia, era ele que também fazia as compras no mercado. No dia seguinte, sentava em sua cama, no escuro, para amarrar o tênis e saía em direção ao mercado. Fazia isso com o máximo de cuidado possível para não acordar seus pais no único quarto da casa.

Um dia resolveu comprar limão siciliano e tentar germinar a semente.

Chegou em casa, seus pais já haviam acordado, estavam na mesa tomando café-da-manhã. Cumprimentou-os de longe e foi direto na pia para tirar as sementes dos limões. Media o dextro de sua mãe e aplicava a insulina correspondente.

Fingiu que ia fazer uma limonada e pegou as sementes disfarçadamente, pois ficou sem graça em falar que faria uma horta em casa, simplesmente para tentar amenizar o ócio que a pandemia trouxe.

Elas germinaram. Quando a plântula estava com uns 5 centímetros, Pedro pegou um pouco de terra, no quintal atrás de casa, e fez o transplante para um vaso definitivo.

A partir desse dia, a rotina matutina mudou: ele aguava seu "pezinho" de limão. Seus pais quando souberam, começaram a ajudar, mas com o limoeiro, Pedro fazia questão de somente ele cuidar. Provavelmente porque seus dias também estavam ociosos. A muda estava crescendo e seu tom de verde chamava a atenção. Quando amassadas na mão,

MINICONTO

Os 3 mais VOTADOS

Limoeiro e luto

Limoeiro e luto

sentia-se aquele aroma bem familiar e que acalentava a alma. O limoeiro tinha um metro de altura. Pedro adubava o vaso uma vez, por mês. Ele estava lindo, grande, com folhas enormes e com espinhos, os quais deixaram Pedro bravo um dia em que estava manuseando sua planta e ela o feriu. Imediatamente Pedro disse um palavrão em voz alta e levou o dedo ensanguentado à boca.

Uma semana antes do dia da vacina dos seus pais, Pedro ficou gripado, pelo menos, era isso que ele queria acreditar. Assim que começou a sentir os primeiros sintomas, começou a tomar mais cuidados em casa. Ele, como auxiliar de enfermagem, via todos os dias dezenas de pessoas com o Sars-Cov-2 no hospital e sabia que a transmissão era alta, assim ficou preocupado com seus pais. Positivou. Mesmo com todos os cuidados, seus pais foram infectados. Pedro sabia que seria difícil impedir isso em uma casa tão pequena.

Seu pai teve somente tosse, mas levou três vezes sua mãe ao médico. Na terceira vez, no décimo dia de sintomas dela, ficou internada. Nenhum dos dois pôde se vacinar no dia certo.

Os dias passavam mais devagar, os boletins médicos eram ligações de pequenos segundos com grandes abalos. Ela não estava saturando bem. Começou com cateter de 5L, depois a máscara: 7L, 10L, 13L e 15L. Entubação. Ficou 12 dias entubada, fizeram traqueostomia e infelizmente sua mãe faleceu no trigésimo oitavo dia de covid.

Luto.

Durante todo esse período, Pedro aguava seu pé de limão, servindo com uma distração. Talvez por considerá-lo uma responsabilidade que ainda estava em seu controle. Ao contrário do que foi com a Covid-19 no hospital e dentro de casa.

A vulnerabilidade da muda pequena era sua fraqueza perante um vírus desconhecido. Com o passar das semanas e meses, começou a ficar maior e ganhando seu espaço à medida que conhecia a Covid. Por fim, desenvolveu espinhos para poder se proteger. Algumas cicatrizes ficaram, como a do dedo e a morte da mãe, porém a experiência de ter criado um pé de limão a partir da semente e poder ajudar famílias a não passarem por um luto antecipado foi algo que o amadureceu e o ajudou a se confortar.

Depois de 5 anos da morte de sua mãe, Pedro fez uma limonada do próprio limoeiro e não ficou sem graça. ■

MINICONTO

Os 3 mais
VOTADOS

De repente

De repente

De repente...

as notícias distantes da China, o primeiro caso no Brasil, um comunicado para você deixar o seu local de trabalho, uma sensação de não saber o quê virá.

Parecia que passaria rápido, máscaras cobrindo sorrisos, abraços não dados, beijos adiados, medo, muito medo, mas os sapatos estão sendo deixados do lado de fora da casa, a empregada afastada temporariamente, os familiares e amigos distantes. E eu estou com meu pai numa casa enorme, cujo tamanho ficou maior depois que minha mãe "partiu", em 2016, vítima de um câncer.

De repente...

Eu e meu pai estamos conversando sobre a vida, reinventando coisas para fazer, estamos mais próximos, ouvindo os mesmos boleros, as mesmas notícias na TV e dividindo as mesmas saudades.

De repente...

Um mal estar, uma leve dor de cabeça, dores no corpo, nada tão grave, mas que o leva ao hospital. Exames, positivo para Covid, dias de isolamento, UTI, a angustiante espera por uma notícia dada uma única vez ao dia por um desconhecido profissional de saúde exausto.

De repente...

um telefonema na madrugada, a morte anunciada, o desespero, a impotência, a frieza de não poder dar o último abraço, um saco preto, um caixão lacrado, o fim.

De repente...

a volta para casa, não há mais o que dizer, apenas um se desmontar por completo, o buscar um pouco de força em meio ao caos e a solidão que grita, cujas máscaras não cobrem mais sorrisos, pois estes já não há. O doar as roupas e deixar vazios espaços que nunca mais serão preenchidos, guardar as fotos e escancarar as lágrimas. A mala cuja última viagem não o acompanhou.

De repente...

não mais que de repente...tudo acontece. ■

MINICONTO

Os 3 mais VOTADOS

MENÇÃO HONROSA

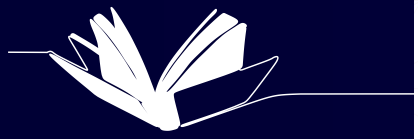
Mãe,
foi só uma ida ao
mercado

Mãe, foi só uma ida ao mercado

Era 24 de dezembro de 2020, quando me propus de ir ao mercado comprar alguns aperitivos para a Ceia de Natal. Chegando lá, estacionei o carro, entrei, escolhi as mercadorias e fui até o caixa pagar, uma vez que considerava que aquilo já era o suficiente para uma boa e deliciosa Ceia.

Dois passos para frente e uma olhada para trás. Meio passo para frente e meio rabo de olho para trás. Eu não estava em uma festa de Natal dançando (por incrível que pareça!), mas sim no mercado, mais precisamente, na fila para pagar as compras! Acontecia ali o inusitado: enquanto eu tentava respeitar o distanciamento social de 1,5m (um metro e meio), por conta da Pandemia, a pessoa que estava atrás de mim achava que a fila estava andando. Enquanto eu dava dois passinhos para me distanciar, ela andava dois passinhos para se aproximar. Eu tentando manter o distanciamento dela e ela tentando chegar no caixa primeiro do que eu. Na mesma intensidade das aproximações involuntárias, tentava prender a minha respiração para que quaisquer agentes externos indesejáveis (diga-se: os vírus) não conseguissem entrar no meu corpo através das minhas narinas (embora estivesse de máscara). Não sei se aquilo valeria para algo ... mas continuei... um passo dela e mais ar represado. Naquele momento, os meus olhos não estavam querendo mais ficar em seu devido lugar, vez que o ar não tinha mais por onde sair e os glóbulos oculares (arregalados) pareciam querer dar espaço para que todo aquele ar saísse ... mais dois passos e mais ar represado ... em um determinado ponto, não havia qualquer distanciamento entre nós. Ali já não sabia mais nem o que eu havia comprando, muito menos que dia era aquele e, menos ainda, o que eu estava fazendo ali ... apenas pensava em prender a respiração e evitar qualquer tipo de contato... parado feito um camaleão roxo com medo do seu predador ... roxo e sem ar, sentia que estava perdendo os sentidos. Nem de rabo de olho eu olhava mais para trás ... somente torcia para que aquela pessoa desistisse das suas compras natalinas ou, ao menos, tivesse esquecido das suas uvas passas em alguma prateleira. Por um milésimo de segundo vi um vulto, olhei para trás de maneira muito cautelosa (afinal, eu não poderia gastar mais energia, porque nem respirar eu estava podendo) ...achei que tudo estava certo. Não vi ninguém! Ufa ... até que

MINICONTO



Os 3 mais VOTADOS

MENÇÃO HONROSA

Mãe,
foi só uma ida ao
mercado

Mãe, foi só uma ida ao mercado

alguém cutuca a minha perna. Gelei na hora! "Moço, moço! 'Deixa eu' pegar uma barra de cereal aqui nesta prateleira!" De imediato deixei, é claro! Mantive a minha serenidade, a minha concentração com a respiração e aumentei ainda mais o meu medo. Haja pulmões para prender tanto ar e coração para aguentar tanta adrenalina.

O momento mais esperado havia chegado: a Ceia? Não!!! A minha vez de passar as compras no caixa! Gritaram: "Próximo!" Foi talvez um dos momentos mais felizes da minha vida! Sentimento de dever cumprido, de ar livre, pulmões relaxados, espaço livre para caminhar (ou melhor: correr!) até a boca do caixa para pagar as compras e tentar (o mais breve possível) chegar em casa para me esterilizar da ponta do topete até o extremo sul dos dedos dos pés.

Chegando em casa, não vi nem se o portão da garagem havia se fechado, não me perguntem se estava chovendo ou fazendo frio naquele dia. Ali foi o momento de aplicar os meus conhecimentos aprendidos na infância e o meu instinto ninja: com a velocidade do Flash sai do carro direto para o banheiro, com a força do Hulk arranquei as minhas roupas (pensando bem, nem me lembro mais para onde foram os botões da minha linda camisa azul) e com o poder da Tempestade e uma ajudinha extra do chuveiro (é claro), fiz com que caíssem milhares de gotículas de água em mim. Cantei, cantei e cantei (utilizando os meus dons musicais): "Lava uma mão, Lava a outra, Lava uma mão, lava outra ... A doença vai embora junto com a sujeira, verme, bactéria, mando embora embaixo da torneira...". E fiquei ali alguns preciosos minutos, a cada ensaboada eu sentia a minha dignidade voltando ... aaah, ar puro, como eu preciso de ti! Ufa! Banho tomado, roupa trocada e pulmões tranquilos, serenos e livres para respirar! Pronto para uma nova vida! Quando me peguei deitando no sofá com toda a harmonia e tranquilidade do mundo, minha querida mãe me pergunta: "O que foi isso, menino? Aconteceu alguma coisa? Eu apenas respondo puxando o máximo de ar puro pelos pulmões e aquele sentimento de dever cumprido: "MÃE, FOI SÓ UMA IDA AO MERCADO! Saia só se for realmente necessário. Ah ... lembre-se de usar máscara, lavar as mãos e respeitar (de verdade) o distanciamento social". ■

| Leandro Gomes da Silva |

MINICONTO

Os 3 mais VOTADOS

MENÇÃO HONROSA

Benedito

Benedito

O tio Benê não era, exatamente, uma pessoa amigável. Estava conosco há mais de seis meses, mas não se importava, sequer, em guardar os nossos nomes. Fora acolhido em nosso lar devido à generosidade de minha mãe, a mais velha de seis irmãos, dos quais ele era o mais novo. Ainda que tenha perdido a esposa há pouco para o terrível coronavírus, sempre me indaguei por que foi aceito em nossa casa, que não tinha muito espaço para acomodá-lo e era tão diferente do lugar de onde veio. Nascido e criado na cidade mineira de Pirapora, às margens do rio São Francisco, eu sabia apenas que foi pescador e deixou os pais e irmãos, num momento difícil, para viver com uma mulher muito mais jovem.

Quando foi trazido pela prima Adrielle, me lembro, vagamente, de ouvi-la dizer que Benê, apesar de ser uma pessoa forte, que venceu a Covid, estava meio esquecido, provavelmente, por conta da idade, mas que não devíamos nos preocupar muito com isso. Ele costumava passar horas olhando pela janela, sem dizer uma única palavra e, por vezes, fazia algum comentário desconexo e até agressivo, como se fosse totalmente contrário à vida que levávamos, quebrando a harmonia que costumava prevalecer em casa. Não demorou muito até que descobrisse uma pequena praça, em frente ao prédio onde moramos, e ia até lá com frequência, mas sempre voltava antes do sol se por.

Certo dia, já estávamos nos preparando para o jantar, quando nos demos conta que o tio Benê não havia voltado. Fomos até a praça e não o encontramos. Procuramos pela vizinhança e nada. Minha mãe foi tomada por um grande desespero, enquanto um sentimento de culpa crescia dentro de mim. Não sabíamos o que fazer. Decidimos retomar as buscas na manhã seguinte e, se não o encontrássemos, ir à delegacia.

Com sua única foto em mãos, a do documento de identidade, passamos a vasculhar ruas, perguntar em lojas e nas unidades de saúde pelo caminho. Algumas tinham fila, por conta do inicio da vacinação,

MINICONTO

Os 3 mais VOTADOS

MENÇÃO HONROSA

Benedito

Benedito

e era difícil falar com algum enfermeiro. Após horas de caminhada, para nossa surpresa, em um posto do bairro vizinho, uma agente reconheceu a imagem borrada que portávamos e nos pediu para esperar, pois a pessoa que estávamos procurando havia passado a noite lá.

Minutos depois, um jovem doutor se aproximou e nos disse que havia recebido um senhor muito falante, que perguntava por uma tal de Lurdinha. Ao perceber que se tratava de uma pessoa com Alzheimer, considerou que não havia outra solução a não ser aguardar a família procura-lo. Achei um tanto estranho, já que o tio pouco conversava conosco. Ao se despedir, o médico se referiu a Benê como herói e comentou que ficou impressionado com a sua incrível história durante a trágica enchente de 1979.

No dia seguinte, intrigada, perguntei pela primeira vez para minha mãe sobre o passado do misterioso tio. Então, enquanto ele descansava no quarto, ela me contou que Benedito, com sua pequena canoa, passou dias resgatando as pessoas ilhadas por conta das chuvas que teimavam em cair incessantemente, por mais de 30 dias, na região onde moravam, culminando em dezenas de mortos e milhares de desabrigados. Foi nessa ocasião que ele conheceu Lurdinha, uma moça de apenas 15 anos que havia acabado de perder o pai, também pescador, deixando sua mãe e os irmãos menores sem sustento. Os dois se apaixonaram perdidamente e, mesmo contra a vontade do meu avô, que via Benê como o filho mais dedicado, decidiu viver com sua amada e cuidar de toda a sua família, recomeçando do zero.

Naquele momento, percebi como havia julgado injustamente uma pessoa sobre a qual eu sabia tão pouco e me dei conta de que, em plena pandemia, onde boa parte das pessoas tem sido privada do convívio com os parentes, eu tive o privilégio de ganhar um tio muito especial, cuja história me ensinou que mesmo quando a memória começa a falhar, tudo o que é feito com amor dificilmente se apaga. E essa é uma lição que, certamente, vou levar para o resto da vida. ■

MINICONTO

Os 3 mais VOTADOS

MENÇÃO HONROSA

O corte

O corte

Era março, disso não tenho dúvidas.

O dia certo é que me falha.

Só lembro de um alvoroço lá pelo meio do mês e algumas informações que pareciam desencontradas.

De um dia para o outro as portas estariam cerradas para os devidos cuidados e surge a frase: Fique em casa! (quase como um mantra).

O trabalho continuaria, o posto não.

A Lua era minguante e esse foi o problema.

Sei lá, crendice ou não, chega uma idade que a gente não discute esse tipo de argumento - só segue.

Dizem que boa mesmo, para cortar os cabelos, é Lua Nova ou Crescente.

Aí você fica esperando a data certa, com margem de erro de uns dias, e não é que em 2020 não aconteceu? A Lua sim, a data não.

O comando ficar m casa servia para tudo e todos, então como dar um jeito na juba sem ajuda de um profissional?

"Ah, será passageiro!! Nada que não possa aguardar mais um mês, mais dois, mais..."

As notícias chegavam como um jogo tetris: Álcool em gel, falta de papel higiênico, máscara sim, máscara não e linguagem alienígena dizendo lockdown, como se fosse algo saído de cartilha de pré-escola.

O distanciamento social crescia e o cabelo também.

"Tudo bem. Ninguém tá vendo!"

A gente finge contentamento com a afirmação interna. Farsa!

No outro hemisfério do cérebro há planos.: "não pode ser tão difícil, roda uma pesquisa na internet do tipo -faça você mesmo -e tudo ficará bem"

O trabalho afasta alguns pensamentos, mas o calendário não.

" A próxima lua boa está chegando!"

Vou até a cozinha, um bom gole de água. Devolvo o copo na pia e lá está uma tesoura-uma tentação.

"Todas as tesouras devem cumprir seu destino". Afasto a ideia.

Digito, digito, digito.

MINICONTO

Os 3 mais VOTADOS

MENÇÃO HONROSA

O corte

O corte

Pac!! A unha quebra incomoda.

Busco na caixinha própria uma lixa e primeiro salta um pequena tesoura. Um sinal!

"Não seja um ser tacanho. Já teve a oportunidade de fazer isso na adolescência e conheceu sua franja mais feia."

As notícias se agravam e a importância das coisas tomam outra dimensão.

O Mundo está unido e sozinho em cada ser, ou será o contrário?

A vida caleja a gente com a morte.

Tomo uma decisão.

Compro uma tesoura em uma plataforma digital que promete entrega imediata.

Toca o interfone.

A operação não é mais tão simples. Lambuzo a mão com álcool, ponho máscara, troco sapato- lembro de filmes onde se fala de radioatividade, a sensação deve ser similar.

Recebo o pacote em menos de 24 horas.

A Lua está certa, a intenção também. Tudo pronto. Titubeio.

"Não pode ser difícil, convença-se".

Miro uma mecha de bom tamanho e sinto o mastigar da tesoura perto do ouvido.

Feito.

O espelho escancara a realidade e me faz entender porquê é o Ano do Rato no Calendário chinês, o bicho deixou caminhos na minha cabeça.

Ainda bem que existe o trabalho e ele é on-line. Segue o isolamento. ■

| Andrea Cristine de Omena Petravicius |

Participantes

Participantes

Cinthia Paula Barbosa de Brito Lopes - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Nhandeara

Henrique Souza Rodrigues Oliveira - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Jaboticabal

Vania da Rocha - Chefe de Seção Judiciário – Comarca de Itapira

Fernando Cesar Gomes - Escrevente Técnico Judiciário – Comarca de São Paulo

Marilucia Machado Nicolau Naufel - Supervisora de Serviço – Comarca de São Paulo

Débora Fazolo - Escrevente Técnico Judiciário – Comarca de São Paulo

Claudia Cristina Figueira Reis - Escrevente Técnico Judiciário – Comarca de São Caetano do Sul

Valter de Melim - Oficial Maior – Comarca de Descalvado

Victor Nobrega de Abreu - Escrevente Técnico Judiciário – Comarca de Louveira

Amanda Cesar Dall Oca - Assistente Judiciário – Comarca de Taubaté

Giovanna de Oliveira Prado Kohle Paulino - Assistente Judiciário – Comarca de Assis

Artur Pessôa de Melo Morais - Juiz de Direito - Comarca de Guarulhos

Marcela Boso El Kassis Salla - Oficial de Justiça – Comarca de Itú

Christiane Laurito Costa - Psicóloga Judiciário – Comarca de São Paulo

Gabriela Batista Tonholo - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Jales

Francisco Marcelino de Rezende Crivelaro - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Bauru

Raquel Arnone da Silva Moreira Rosa - Assistente Jurídico – Comarca de São Paulo

Aline Christiane da Paixao Rojas - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de São Paulo

Participantes

Josenaldo Nunes Cordeiro - Assistente Judiciário – Comarca de São Paulo

Deise Oti - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de São Paulo

Walfrido Freire de Carvalho Neto - Coordenador – Comarca de São Paulo

Murilo Mendes Santos - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de São Paulo

Luiz Eduardo Romano - Chefe de Seção Judiciário – Comarca de São Carlos

Daiane Thaís Souto Oliva de Souza - Juíza de Direito – Comarca de São Paulo

Priscilla Ines Berto Rebeschini de Barros - Chefe de Seção Judiciário – Comarca de Americana

Fabiana Catosso Pisani - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Campinas

João Ricardo de Araujo - Coordenador – Comarca de São Paulo

Evandro José Issao Tanaka - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de São Paulo

Eloisa Vermelho Morales - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Araçatuba

Karla Saory Moriya Nidahara - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Carapicuíba

Jean Carlos Soares de Souza - Chefe de Seção Técnica Judiciário – Contador Chefe Comarca de São Paulo

Renan Felício Awata - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Itapevi

Fabielle Espinha Lourenço - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Mirassol

Leandro Gomes da Silva - Escrevente Técnico Judiciário - Comarca de Diadema

Vivian Shapiro Rozenfeld - Chefe de Seção Judiciário – Comarca de São Paulo

Andrea Cristine de Omena Petravicius - Assistente Judiciário – Comarca de Sorocaba

TRIBUNAL DE JUSTIÇA

3 DE FEVEREIRO DE 1874